

UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DEPARTAMENTO ACADÊMICO DE LÍNGUAS ESTRANGEIRAS MODERNAS -
DALEM
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM ENSINO DE LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA

JÚLIA FURTADO E SILVA

VERY YOUNG LEARNERS

Ensino bilíngue

TRABALHO FINAL DE ESPECIALIZAÇÃO

CURITIBA - PR

2014

JÚLIA FURTADO E SILVA

VERY YOUNG LEARNERS

Ensino bilíngue

Artigo como trabalho final de Especialização apresentado ao Departamento Acadêmico de Línguas Estrangeiras Modernas - DALEM, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de “Especialista em Ensino de Línguas Estrangeiras Modernas”.

Orientador: Prof. Egidio Romanelli

CURITIBA - PR

2014

VERY YOUNG LEARNERS: ENSINO BILÍNGUE

Júlia Furtado e Silva¹
Egidio José Romanelli²

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo investigar e refletir sobre o processo da aquisição bilíngue desde a educação infantil, uma vez que o período que vai da gestação até o sexto ano de vida é o mais importante na organização das competências a serem desenvolvidas ao longo da existência humana. Para tanto, foi realizada uma revisão bibliográfica sobre o desenvolvimento neuropsicológico da criança desde o ventre materno e a aquisição de segunda língua, especificadamente refletindo sobre a relevância de se adquirir uma língua estrangeira desde os 4 meses de idade, utilizando exemplos de situações reais ocorridas no contexto escolar, aliando a teoria à prática.

Palavras-chave: cérebro bilíngue ; aquisição de segunda língua ; ensino de línguas estrangeiras. .

ABSTRACT: *This article aims to investigate and reflect on the process of bilingual acquisition from early childhood education, since the period of pregnancy until the sixth year of life that is the most important in the organization of competencies to be developed over the human life. Therefore, a literacy research was made on the neuropsychological development of the child since the womb and second language acquisition, specifically reflecting on the relevance of acquiring a foreign language since early age, specifically, 4 months, using examples of real situations arising in the educational context, combining theory with practice.*

KEYWORDS: *bilingual brain; second language acquisition; foreign language teaching.*

1. Introdução

Nos últimos anos, houve um aumento significativo de escolas bilíngues para crianças em fase pré-escolar. Segundo o jornal Estadão (2010), o número de escolas bilíngues no Brasil saltou de 145 em 2007 para 180 em 2009, registrando um aumento de 24% no período. É possível notar uma grande procura por parte dos pais em relação à essas escolas. No entanto, é recorrente a dúvida gerada no que diz respeito à faixa etária ideal para a criança aprender uma língua estrangeira. Além disso, alguns educadores afirmam que a exposição de uma ou duas línguas nas idades iniciais pode confundir a criança, tornando-a incapaz de aprender qualquer idioma corretamente.

A aquisição de uma língua estrangeira é de extrema importância desde as idades iniciais, pois as crianças encontram-se em processo de desenvolvimento pleno e de descoberta do mundo que as rodeia, além de apresentarem uma maior facilidade de aprendizagem, já que esta ocorre de maneira mais natural e produtiva. Deve-se levar em conta que a criança, nessa fase, apresenta motivação intrínseca, sendo bastante receptiva ao novo. Assim, ela necessita de estímulos para adquirir conhecimento.

¹ Aluna do Curso de Especialização em Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil (2014). E-mail: julia.furtado@live.com

² Orientador. Pós-doutorado em Neuropsicologia - Université de Montreal, Canadá (1997-98) Professor Titular da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Brasil. E-mail: egidio@romanelli.net

As crianças de hoje podem ser denominadas "nativas digitais", pois estão inseridas em um mundo globalizado, no qual o acesso à informação ocorre de maneira muito rápida e está disponível por meio dos diversos veículos de comunicação (computador, músicas, filmes, videogames), em várias línguas. Desse modo, o aprendizado de uma língua estrangeira é fundamental, pois auxilia as relações culturais e sociais da criança, possibilitando um desenvolvimento sociocognitivo mais sólido e tornando-a ativa no meio onde vive.

Exposta em um contexto bilíngue, a criança irá desenvolver os aspectos social, afetivo, criativo, cultural, histórico e cognitivo. De acordo com alguns estudos, as memórias, valores, até mesmo a personalidade da criança, podem mudar dependendo da língua-alvo. De acordo com Bialystok (2003 apud Lange, 2013), os cérebros de bilíngues passam por melhorias no chamado "sistema executivo" do cérebro, um conjunto de habilidades mentais que dá capacidade de bloquear informações irrelevantes, resultando em uma maior flexibilidade mental. É como se um cérebro bilíngue apresentasse duas mentes separadas. Nesse sentido, a ideia de confundir a mente da criança pode ser nula, uma vez que sistemas linguísticos distintos são divididos e organizados.

A motivação é um dos fatores principais para o bom êxito da aprendizagem, como também para a aquisição de uma segunda língua. A criança já é motivada inerentemente. Portanto, é muito importante que ela receba o estímulo necessário, por meio da mediação didática docente e pelos pais, contribuindo assim, de maneira efetiva, para o seu desenvolvimento. Assim, o presente artigo tem como objetivo investigar e refletir sobre o processo bilíngue no período pré-escolar, especificadamente refletindo sobre a relevância de se adquirir uma língua estrangeira desde os 4 meses de idade, utilizando exemplos de situações reais ocorridas no contexto escolar.

2. O cérebro bilíngue

A partir da 15ª semana de gestação um bebê já é capaz de ouvir a voz da sua mãe. Assim, a mãe que conversa com seu bebê em uma língua estrangeira já está colaborando para o desenvolvimento cognitivo bilíngue dele, pois a parte auditiva já nasce relativamente desenvolvida desde o ventre materno.

Confirmando a teoria de que os bebês respondem aos estímulos maternos, inclusive na vida ultra interina, DeCasper & Spence (1986 apud Antunes, 2004, p.25) demonstraram que bebês possuem alguma forma de aprendizagem fetal e que manifestam reação positiva ao lembrarem-se, após nascer, dos sons que ouviram com insistência no ventre da mãe, essencialmente nas últimas semanas de gravidez.

Dessa forma, faz-se necessário um processo de sensibilização, ou seja, preparar o ouvido do bebê para os sons de uma língua estrangeira e, assim, no momento exato que o cérebro amadurece para o aprendizado de línguas, o processo será muito mais natural e a criança irá assimilar com uma maior facilidade. "Mesmo que os bebês tenham pouco controle sobre os sons que produzem nas primeiras semanas de vida, eles são capazes de ouvir diferenças sutis entre sons das línguas humanas." (LIGHTBOWN, 2006, p. 2)

Estudos recentes da Universidade de Notre Dame mostram que durante o primeiro ano de vida, quando os bebês passam a maior parte do tempo desenvolvendo a habilidade auditiva, eles internalizam vocábulos, ou seja, estão constantemente à procura de pistas de linguagem por meio do contexto e sonoridade, que irão favorecer o desenvolvimento linguístico, que ocorre dos 18 a 24 meses de vida. Esse estudo, aponta que, essas pistas relacionadas ao sistema sonoro, podem ajudar os bebês a aprender o significado das palavras, já que estes são capazes de diferenciar sutilmente os sons da língua. Para exemplificar, após

ouvir a sentença *It's a dog*, eles aprendem que *It's a* ocorre antes de um objeto. De acordo com Jill Lany (2011):

"Muitas vezes pensa-se que a gramática vem depois da aprendizagem de vocábulos, mas, na verdade, a pesquisa mostra que todas essas informações que os bebês estão adquirindo nesse primeiro ano de vida sobre como as palavras estão ocorrendo em sua linguagem, na verdade, apoia este processo de aprender vocábulos antes do próprio domínio da linguagem."

A aquisição de outros recursos linguísticos mostra que a linguagem das crianças se desenvolve sistematicamente, e que elas podem ir além daquilo que ouvem, criando novas formas e estruturas gramaticais.

A partir da década de 1960, com o avanço tecnológico em especial da ressonância magnética e experimentos neurais em ratos, a tese de que o cérebro é um órgão biológico regido essencialmente por fatores genéticos, foi contestada. Isto porque foi comprovado que o ambiente externo modifica, estimula ou atrofia o cérebro, tudo depende das informações que chegam até o cérebro. Segundo Celso Antunes (2004), esses estudos dão a certeza de que a arquitetura complexa do cérebro humano apresenta ilimitado potencial e que, este pode expandir-se de forma altamente significativa em virtude das experiências vividas, sobretudo durante a infância, afirmando a ideia de que o estímulo é essencial em todo o desenvolvimento cerebral.

Por meio de pesquisas realizadas na Universidade Estadual Wayne em Detroit, Chugani (2000), afirma que a criança possui notável predisposição para, devidamente estimulada, superproduzir sinapses alongando de forma exuberante ramificação dos dendrites, fortalecendo o cérebro. É possível afirmar que a fase ideal para estímulos cerebrais corresponde à de maior metabolismo, que corresponde dos dois aos nove anos de idade.

A partir das pesquisas do neurologista Paul Broca (1864), iniciaram-se estudos aprofundados sobre a função de cada setor do cérebro. Deste modo, foi possível identificar que determinadas regiões da massa encefálica executam diferentes funções no corpo humano. De tal modo que, foi possível identificar distúrbios na aprendizagem se determinadas áreas estiverem danificadas ou que não estejam em condições favoráveis. A partir dos seus estudos, o neurologista comprovou que a região cerebral danificada, do seu então paciente analisado, é o lobo frontal que é a parte do cérebro que formula as ideias, desenvolvendo nossa capacidade de expressão. Todavia, a região responsável pela assimilação da informação não é a mesma. Segundo o neurologista alemão Carl Wernicke (1874), a compreensão da fala, ou seja, a percepção dos estímulos sonoros do ambiente, é processada na seção cerebral denominada lobo temporal, que nos permite compreender o que os outros dizem e que nos facilita organizarmos as palavras da maneira correta (sintaticamente).

Contextualizando essas informações a respeito da anatomia cerebral, percebe-se ampla correlação no ambiente pedagógico infantil, pois tudo depende da estimulação precoce que a criança recebe desde o ventre materno. Nesse sentido, é extremamente importante que ela receba os estímulos necessários para que possa, posteriormente, desenvolver sua capacidade de expressão, quando ocorre o processo de maturação dos neurônios. É possível afirmar que isso acontece de maneira diferenciada em cada criança, por isso há crianças que apresentam um retardo na aprendizagem e, não necessariamente, possuem alguma deficiência, mas apenas um desenvolvimento cerebral distinto de outras.

Estudos envolvendo tecnologias de imagem cerebral sofisticada chamada ressonância magnética funcional (fMRI), também revelaram alguns padrões intrigantes na forma como nosso cérebro processa a aprendizagem de línguas. Pesquisadores da Universidade de Cornell utilizaram fMRI para determinar como vários idiomas são representados no cérebro humano. Eles descobriram que a língua materna e a segunda língua são separadas espacialmente na

área de Broca, que é a região no lóbulo frontal do cérebro. Por outro lado, as línguas apresentam uma pequena separação na área de Wernicke, lobo temporal. Isso explica o porque de alguns adultos apresentarem dificuldades de se expressarem em uma língua estrangeira. Em contrapartida, ao estudarem um cérebro bilíngue, os pesquisadores descobriram não há uma separação espacial, seja em área de Broca ou de Wernicke para as duas línguas, o que indica que, em termos de ativação cerebral, pelo menos, as mesmas regiões do cérebro controlam sua capacidade de processar ambas as línguas.

As crianças que aprendem mais de uma língua desde os primeiros anos de vida, podem ser denominadas *simultaneous bilinguals*, e aquelas que aprendem uma segunda língua posteriormente podem ser consideradas *sequential bilinguals*. É recorrente algumas pessoas expressarem sua opinião em relação à essa temática, afirmando que seja muito difícil lidar com duas línguas ao mesmo tempo. Eles acreditam que as crianças podem se confundir ou não aprender corretamente uma língua. Segundo Lightbown, Patsy M. Spada, Nina (2006), não há evidências de que aprender duas línguas simultaneamente possa atrasar o desenvolvimento linguístico ou interferir no desenvolvimento cognitivo e acadêmico.

3. Aquisição de segunda língua

A maioria das crianças de séries iniciais ainda não está preparada para falar sua língua materna de maneira adequada. Entretanto, isso não impede que elas possam aprender outra língua, ou até mesmo três ou quatro. É possível afirmar que quanto menor a idade, mais rápido será o aprendizado, pois as crianças desenvolvem a fluência com maior facilidade e falam sem sotaque. A criança naturalmente é curiosa, e isso é uma das razões que facilitam a aquisição de uma segunda língua.

No que concerne ao aprendizado de línguas, é possível afirmar que ele engloba dois conceitos distintos. Um deles é denominado de *language acquisition*, que se refere ao processo de assimilação natural para o desenvolvimento da habilidade linguística, e o outro é denominado *language learning*, que se refere ao conhecimento consciente e formal da linguagem.

Segundo Krashen (1983, p. 26), “*language acquisition* é um processo do subconsciente. As crianças não estão cientes de que estão adquirindo a linguagem; elas estão apenas cientes de que estão se comunicando”.

Deste modo, as crianças de séries iniciais encontram-se em um processo de experimentação e assimilação do conhecimento. Entretanto, se elas receberem o *input* necessário, o processo de aquisição de linguagem será positivo e real e o seu desenvolvimento ocorrerá de maneira plena.

Language acquisition, neste sentido, é o processo encontrado em crianças sob as circunstâncias ordinárias da exposição natural a dados linguísticos primários. Em contrapartida, *language learning* é geralmente encontrado em adultos que estão desenvolvendo a linguagem em um ambiente formal da sala de aula. Alguns estudiosos afirmam que a capacidade de *language learning* surge somente na puberdade, enquanto que a capacidade de *language acquisition* ocorre durante um período crítico, a partir de 2 anos de idade até a puberdade. (Krashen, 1982)

Há fatores internos e externos que influenciam no processo de aprendizagem de uma língua estrangeira. O *input* é considerado um fator externo de grande importância, em que o

aluno recebe uma quantidade significativa de amostras da língua-alvo a que está exposto, necessário para que a linguagem seja adquirida. Por conseguinte, a criança necessita de uma boa quantidade e qualidade de exposição à língua. Como enfatiza Harmer (2012), uma ou duas horas por semana é insuficiente para se adquirir uma língua, embora isto possa suscitar o gosto em aprender uma nova língua de maneira positiva.

De acordo com Krashen (2003), a linguagem é adquirida quando as mensagens transmitidas são compreendidas, ou seja, quando obtem-se *comprehensible input*. Em outras palavras, quando é possível entender o que se escuta ou o que se lê. Sendo assim, é necessário resgatar a competência linguística previamente adquirida, como também o conhecimento extralinguístico, o qual inclui o conhecimento de mundo, ou seja, o contexto é utilizado.

Para os níveis iniciantes, fazer uso de imagens e figuras, gestos e movimentação corporal em sala de aula facilitará o *input*. Em um sentido teórico, é de extrema importância transmitir aos alunos mensagens compreensíveis, ultrapassando as barreiras afetivas, a fim de que eles se interessem e deem a devida atenção.

Como ressalta Krashen (2003), há certos métodos que funcionam de maneira mais eficaz com aprendizes iniciantes. São eles:

1. Os professores fornecem o contato com a língua por meio de figuras e objetos que ilustram a vida cotidiana, utilizando também, o movimento. A linguagem é ensinada usando comandos. O professor dá o comando e o aluno realiza a ação. Os alunos não são obrigados a falar, mas tentam compreender e obedecer ao comando.
2. Os professores ajustam seu próprio discurso para torná-lo acessível aos alunos. Isto é, eles tendem a falar mais devagar, utilizando uma linguagem menos complexa.
3. As aulas são planejadas e organizadas não incluindo aspectos gramaticais. Estão incluídas atividades como jogos e discussão acerca de algum tópico de interesse. O objetivo é que as atividades sejam interessantes e compreensíveis.
4. Os alunos não são forçados a falar até o momento em que estiverem prontos. É claro que eles não são proibidos de desenvolver a fala em língua inglesa, na verdade eles são muito incentivados a falar. Além do mais, desenvolvendo a fala, a interação com outros alunos será maior.

Sendo assim, a aquisição requer interação compreensível na língua estudada, na qual os falantes se preocupam com as mensagens que tentam comunicar e entender. Os melhores métodos são os que providenciam “*input* compreensível” em situações de baixa tensão, contendo mensagens específicas aos alunos. Desta forma, não forçam a produção da segunda língua em estágios iniciais, e sim deixam os alunos falarem quando estiverem prontos, após receberem suficiente *input*.

4. Aplicação teórica aliada à prática

No centro de educação infantil onde a autora trabalha, é desenvolvido um trabalho diário com a língua inglesa para crianças na faixa etária de 4 meses a 5 anos de idade, com duração de 30 minutos a aula. Vale enfatizar que ela fala apenas em inglês com os alunos, pois é de extrema importância que eles tenham alguém que seja uma referência na língua-alvo, evitando utilizar a língua portuguesa. Porém, é recorrente a dúvida gerada por parte dos educadores, de falar somente em inglês, pois alguns deles acabam acreditando que os alunos

não irão absorver o conteúdo completamente. No ano de 2014, foi implementado na escola o projeto bilíngue realizado para os alunos dos níveis 4 e 5 que ficam em tempo integral. Dessa forma, a exposição a língua se torna bastante rica e produtiva.

As turmas do berçário são divididas em: colinho e pezinho. Com duração de 15 minutos a aula, o principal objetivo é proporcionar o contato com a língua inglesa de maneira lúdica, a fim de preparar o ouvido do bebê para os sons dessa língua. O objetivo da sensibilização não é ensinar vocabulário, mas sim fazer com que a criança se sinta à vontade com outras línguas, crie o gosto pela língua inglesa. As crianças aprendem o significado pelo contexto, pelas expressões faciais, entonação, gestos e associações do que veem e ouvem. No entanto, a carga horária de 30 minutos semanais, é relativamente pequena, dada a devida importância à necessidade de uma carga horária maior, pois a criança necessita de uma boa quantidade e qualidade de exposição à língua.

Após o berçário, o aluno inicia o nível 1, que é destinado para crianças de 1 ano de idade. Com a mesma duração do berçário, de 15 minutos a aula, o contato com a língua inglesa se dá a partir da sensibilização e estimulação precoce. Quanto maior o estímulo maior será o aprendizado. Nesse nível, é possível explorar mais os movimentos e habilidade motora dos bebês, utilizando músicas, histórias e brincadeiras.

Após o nível 1, a criança inicia o nível 2, que é dividido em três grupos: nível 2A, nível 2B e nível 2C. É importante ressaltar que essas crianças que antes estavam no berçário, e passaram por todo o processo de sensibilização da língua, já conseguem interagir mais com a professora e possuem uma facilidade maior para reconhecer os sons da língua estrangeira. A maioria dos alunos, nessa fase, aprende por meio de repetições e imitações e gostam muito de música e atividades que desenvolvam a habilidade sensório-motora. Dessa forma, a professora visa elaborar atividades lúdicas relacionadas à contação de histórias, jogos com bola, brincadeiras e músicas. Crianças gostam de histórias e são capazes de entendê-las mesmo se elas forem contadas numa língua estrangeira. A entonação e os gestos durante a narração, as gravuras são elementos suficientes para que elas compreendam a mensagem da história.

No ano seguinte, as crianças encontram-se no nível 3, que é dividido em dois grupos: 3A, para crianças que já completaram 3 anos de idade e o 3B, crianças que ainda irão completar 3 anos. Já é possível notar a diferença em relação à verbalização de vocábulos e espontaneidade. Nesse sentido, vale citar o exemplo de uma aluna, que quando estava no nível anterior, não verbalizava nenhum vocábulo, apenas observava a professora e aos colegas, pois ainda não havia desenvolvido sua habilidade oral. Mas, quando passou para o próximo nível, no ano seguinte, começou a interagir mais e verbalizar quase todas as músicas trabalhadas em sala. Ademais, nesse nível, é adotado um material didático que baseia-se na sonoridade da língua - por meio de atividades lúdicas como: músicas, brincadeiras, jogos, atividades orais e histórias. A maioria das histórias trabalhadas na coleção *Have fun with Larry*, está relacionada à personagem Larry e seus amigos, que se envolvem em situações típicas do cotidiano das crianças. Assim, elas se sentem envolvidas na história, o que contribui positivamente para o aprendizado da língua.

No próximo ano, os alunos iniciam o nível 4, que também é dividido em dois grupos: 4A, para crianças que já completaram 4 anos de idade e 4B, crianças que ainda não completaram ou que irão completar no fim do ano. Nessa fase, é notória uma maior habilidade de compreensão da língua estrangeira. As crianças se arriscam mais, fazem tentativas, explorando o ambiente com uma maior naturalidade. Nesse nível, ocorre a continuação do material didático iniciado no ano anterior, com mais histórias e situações cotidianas relacionadas à faixa etária do nível. Os alunos são bastante receptivos às atividades, ainda mais àquelas que envolvem o uso de jogos, brincadeiras e músicas. As rimas e músicas são trabalhadas de uma forma prazerosa, com o objetivo de desenvolver a pronúncia das palavras, aspectos culturais (rimas e folclore), senso de ritmo e musicalidade. As músicas têm também,

o intuito de rever o tema e vocabulário propostos nas aulas, por meio de refrões repetitivos, facilitando assim o aprendizado dos alunos.

No último nível, as crianças irão completar 5 anos de idade. Com maiores responsabilidades, os alunos do nível 5 possuem uma maior autonomia e são estimulados a resolverem seus próprios conflitos e afazeres diários. Nessa fase, é possível notar que os alunos possuem senso crítico e personalidade mais desenvolvida. Aqueles que estudaram em todos os níveis da escola, têm um vocabulário rico em inglês, conseguem identificar os vocábulos referentes aos tópicos trabalhados nas aulas, respondendo com naturalidade aos comandos, perguntas e instruções feitas em inglês. É fantástica a possibilidade de diálogo entre professor e aluno na língua-alvo. Os alunos iniciam o terceiro e último módulo do material didático, com histórias diversificadas e atividades lúdicas. É possível observar que os alunos fazem tentativas de tradução da língua-alvo e é extremamente interessante sua capacidade de compreensão e execução da língua inglesa.

5. Conclusão

No que concerne ao ensino de línguas, é de extrema importância oportunizar o contato com uma segunda língua para crianças na faixa etária de 4 meses a 7 anos, pois o sistema básico de linguagem é construído nessa fase inicial, levando-se em conta também, o fato de que as crianças desenvolvem a fluência com mais facilidade e apresentam uma motivação intrínseca. Quanto mais cedo forem estimuladas ao aprendizado de uma língua estrangeira, maior será a chance de se obter um resultado positivo. Nesse sentido, é fundamental que elas recebam o *input* necessário, por meio da mediação didática docente e pelos pais, a fim de que o objetivo real da aprendizagem seja alcançado.

É muito importante que o cérebro da criança receba os estímulos necessários, a fim de este se desenvolva da maneira mais favorável, contribuindo assim para uma aprendizagem sólida e significativa. Os estímulos adequados, oferecidos pelos pais, após o nascimento do bebê, são fundamentais para a formação de sinapses. Quanto mais circuitos forem formados, mais ganhos a criança terá em relação ao aprendizado. O cérebro continuará se formando e se desenvolvendo até a adolescência. Faz-se necessário que a educação diversifique seus meios de estímulo e os apresentem de forma compatível a capacidade cerebral.

Por meio da experiência prática, é possível concluir que se bem estimuladas, as crianças se tornam mais participativas e criativas durante o processo de ensino/aprendizagem, uma vez que as aulas são totalmente interativas e contribuem positivamente para o desenvolvimento de um raciocínio ágil e perspicaz, deste modo, apresentando um melhor rendimento. Além disso, outra observação importante é o fato das crianças estimularem umas as outras, contagiando o grupo e favorecendo o aprendizado.

Referências

ANTUNES, Celso. Educação infantil. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004

Cresce procura por escolas bilíngues no País. **Estadão**. 2010 jan. 22 Disponível em: <<http://educacao.estadao.com.br/noticias/geral,cresce-procura-por-escolas-bilingues-no-pais,499839>>. Acesso em: 2 de abril de 2014.

FAVORETO, Elizabeth. OLIVEIRA, Sandra Johns. *Have fun with Larry*. Escala Educacional. 2001

HARMER, Jeremy. *Essential teacher knowledge*. 1. ed. Pearson, 2012

KRASHEN, Stephen D. *The Natural Approach: Language acquisition in the classroom*. 1. ed. San Francisco: Pergamon, 1983.

KRASHEN, Stephen D. *Explorations in Language Acquisition and use*. Portsmouth, NH: Heinemann, 2003

LANGE, Catherine. Bilíngues têm vantagens no aprendizado. Disponível em: <<http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI313503-17579,00BILINGUES+TEM+VANTAGENS+NO+APRENDIZADO.html>>. Acesso em: 9 de abril de 2014.

LANY, Jill. "Baby lab reveals surprisingly early gift of gab. Disponível em: <<http://news.nd.edu/news/27758-baby-lab-reveals-surprisingly-early-gift-of-gab/>>. Acesso em: 9 de abril de 2014.

LIGHTBOWN, Patsy, SPADA, Nina. *How languages are learned*. Oxford University Press, 2006

RITCHIE, William; BHATIA, Tej K. *Handbook of Child Language Acquisition*. Academic Press, 1999.

TALUKDER, Gargi. *How the brain learns a second language*. 2001